PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DE PACIENTES HOSPITALIZADOS ACOMETIDOS POR ENCEFALITES EM UM HOSPITAL UNIVERSITÁRIO DO SUL DO BRASIL

Maria Luiza Julinhaque Beraldo (FA), Larissa Bail (Orientadora), Elisangela Gueiber Montes, Carmen Antônia Sanches Ito; e-mail: larabail@uepg.br
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)/ Ciências Biológicas

Microbiologia, Microbiologia aplicada

Palavras-Chave: *Encefalite, Perfil Epidemiológico, Infecções Virais.*

Resumo

A encefalite é uma inflamação do sistema nervoso central, frequentemente causada pelo vírus herpes simples tipo 1. Além dos sintomas clínicos sugestivos, a análise do líquor e neuroimagem auxiliam no diagnóstico. Este estudo, descritivo e retrospectivo, buscou analisar o perfil epidemiológico dos pacientes internados por suspeita de encefalite no Hospital Universitário Regional dos Campos Gerais (HURCG), de 2019 a 2025, incluindo diagnósticos diferenciais, a fim de subsidiar estratégias de prevenção, aprimoramento de diagnóstico e manejo da doença.

Introdução

A encefalite é uma causa significativa de morbimortalidade, frequentemente associada a infecções virais, como o herpes-vírus simples 1 (HVS-1), podendo também ter causa autoimune e paraneoplásica (Alam et al., 2022). O diagnóstico é baseado na alteração do estado mental, acompanhada de critérios menores como febre e convulsões. A análise do líquido cefalorraquidiano (LCR), por PCR, e a ressonância magnética (RM) são exames essenciais para a confirmação diagnóstica, sendo a RM o mais sensível para detectar alterações no lobo temporal (Ellul; Solomon, 2018). O tratamento empírico com aciclovir é crucial para reduzir a sequelas, especialmente em casos de HVS-1. No Brasil, as encefalites virais são uma causa importante de internações, com o estado do Paraná apresentando o quarto maior número de hospitalizações em 2018 (Silveira, 2020). Diante do exposto, é imprescindível que o perfil epidemiológico das encefalites nos hospitais do Brasil seja foco de novos estudos, bem como a análise de diagnósticos alternativos para a doença.

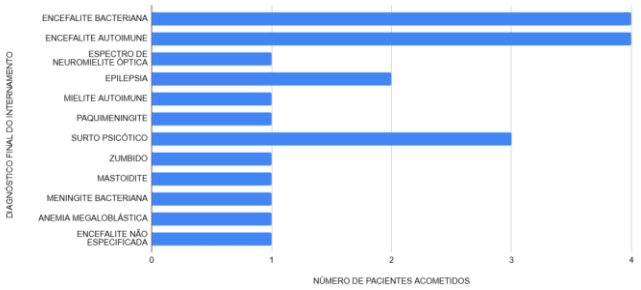
Materiais e Métodos

Estudo descritivo, transversal e retrospectivo, realizado no HURCG, entre 2019 e 2025. Foram coletados dados da Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e de prontuários eletrônicos, contemplando variáveis clínicas, laboratoriais, de imagem, tratamento e desfecho. Incluíram-se casos suspeitos e diagnósticos diferenciais, uma vez que a encefalite é uma doença de notificação obrigatória. A análise foi descritiva, com apresentação dos resultados em tabelas e gráficos.

Resultados e Discussão

No período de análise, foram avaliados 21 pacientes com suspeita de encefalite infecciosa no HURCG. A amostra incluiu 10 homens e 11 mulheres, com idades variando de 1 a 75 anos e uma média de 35,6 anos; 23,8% dos pacientes eram crianças. Os sintomas mais incidentes foram cefaleia e febre, ambos com 38% de ocorrência, seguidos por confusão mental em 28,5% dos casos. Das 16 amostras de líquido cefalorraquidiano analisadas, 62,5% apresentaram pleocitose, com 81,25% mostrando predomínio de monomorfonucleares. A glicose estava normal em 68,75% dos pacientes. Dos 12 pacientes que realizaram ressonância magnética, 8 apresentaram achados sugestivos de encefalite. Ao final, apenas 9 dos 21 casos (42,8%) tiveram o diagnóstico de encefalite confirmado, sendo 4 de etiologia bacteriana, 4 autoimune e 1 sem etiologia específica. Essa prevalência de causas bacterianas e autoimunes, diferentemente do perfil viral mais comum na literatura (Hansen et al., 2019), pode estar relacionada a fatores geográficos e epidemiológicos locais. No gráfico 1, estão elencados os diagnósticos alternativos de encefalite. O tempo médio de internação foi de 9 dias, e apenas 1 paciente evoluiu a óbito.

Gráfico 1. Diagnósticos definitivos e alternativos de encefalite.



Conclusão ou Conclusões

Este estudo revelou que, em 21 pacientes investigados por encefalite no HURCG, as causas bacterianas e autoimunes foram mais prevalentes que as virais, um achado que se diferencia do padrão global. Embora a amostra seja pequena, os resultados sugerem que a epidemiologia local e doenças emergentes influenciam o perfil da doença, destacando a necessidade de uma investigação diagnóstica abrangente.

Agradecimentos

Agradeço à Fundação Araucária pelo fornecimento de bolsa de iniciação científica.

ALAM, A. M. et al. Encephalitis: diagnosis, management and recent advances in the field of encephalitides**. Postgraduate Medical Journal,** v. 99, n. 1174, 23 jun. 2022.
ELLUL, M.; SOLOMON, T. Acute encephalitis - diagnosis and management. **Clinical Medicine**, v. 18, n. 2, p. 155–159, 2018.
HANSEN, M. A. et al. Clinical Epidemiology, Risk Factors, and Outcomes of Encephalitis in Older Adults. **Clinical Infectious Diseases**, 10 jul. 2019.
SILVEIRA, E. C. Perfil das internações por encefalite viral no Brasil em 2018 por unidade da federação, sexo e faixa etária. **Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 53, n. 3, p. 268–274, 14 out. 2020.